



4958 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

Povos Indígenas e Educação: estudo sobre a diversidade cultural e o estigma de ser indígena em uma Escola Municipal da Zona Rodoviária de Manaus.
Maria do Perpetuo Socorro Rebouças de Lima - UNIVERSIDADE DE ESTADO DO RIO DE JANEIRO/INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Povos Indígenas e Educação: estudo sobre a diversidade cultural e o estigma de ser indígena em uma Escola Municipal da Zona Rodoviária de Manaus.

O objetivo geral deste projeto de tese é estudar e compreender a diversidade cultural e a interação entre alunos indígenas e seus pares, assim como entre os alunos indígenas e os não indígenas, perceber e descrever como o estigma de ser indígena se manifesta nas inter-relações e interações no dia-a-dia da escola. Serão participantes primários alunos indígenas e não indígenas, sendo participantes secundários, professores, gestores e familiares. A pesquisa será na Escola Municipal Professora Francisca Campos Correa, na Cidade de Manaus/Am. Será de abordagem etnográfica, utilizando observação participante, entrevistas, para registrar as falas dos sujeitos sobre a diversidade cultural e o estigma de ser índio. Espera-se como resultado perceber que recomendações podem ser levantadas a partir desta tese para contribuir com políticas públicas junto alunos indígenas em escolas regulares ou diferenciadas.

Palavras-chave: Diversidade Cultural, Indígenas, Educação, Estigma

Introdução

A imposição cultural vivida pelos povos indígenas desde a vinda dos europeus para a América, se deu desde a nomenclatura “índio” até a assimilação imperativa de uma cultura que se identifica “superior” e “melhor”. Desconstruir esse discurso é contribuir para o reconhecimento de que não existe uma única cultura e sim culturas, Stuart Hall (1997).

Por conta de um processo histórico que desqualifica a cultura indígena, ainda hoje alguns jovens tentam esconder, camuflar o fato de ser indígenas para serem aceitos nos grupos sociais que circulam fora do contexto de seus pais e familiares. Para outros marcar seus traços e identidades são formas de resistência diante de situações de não aceitação do diferente.

Os povos indígenas, foram e continuam sendo vítimas de preconceitos. Algumas expressões como: “parece índio”, para de se comportar como “índio”, isso é comida de “índio”, dependendo do contexto e dá forma que são ditas, tem a conotação de desqualificar a pessoa do indígena e sua cultura. Essas falas são atuais e são heranças de um processo de colonização que fez de tudo para desconstruir a cultura dos povos indígenas, para torná-los escravos.

Este projeto de tese tem por objetivo estudar e compreender a diversidade cultural e a interação entre alunos indígenas e seus pares, assim como entre os alunos indígenas e os não indígenas, perceber e descrever como o estigma de ser indígena se manifesta nas inter-relações e interações no dia-a-dia da escola.

1. Justificativa

Manaus capital do Amazonas, recebe indígenas de várias etnias e dos muitos municípios (62) do Amazonas, por meio de migrações estes passam a viver em áreas ocupadas. Essas migrações são ocasionadas por vários problemas sociais enfrentados pelos povos indígenas: perda de suas terras, doenças, falta de escolas para os filhos, falta de renda, entre outros.

Algumas etnias aos poucos foram se acomodando em terras desocupadas e organizando comunidades indígenas na cidade de Manaus, como: “Comunidade Nações Indígenas” localizada no bairro Tarumã. Na comunidade Nações Indígenas vivem desde 2011, aproximadamente 10 etnias, sendo elas: Cocama, Miranha, Mura, Pira-tupuaia, Macuxi, Baré, Tikuna, Mundurucu e Saterê-mawe. Os indígenas ao fixarem moradia nos bairros de Manaus viabilizam processos de ressignificação cultural e compreendem o “espaço físico, o qual se transforma em espaço de relações pluriétnicas como território de pertencimento coletivo” (SANTOS, p. 264).

A pesquisa se justifica por entender que a Educação Escolar Indígena é um direito social dos povos indígenas, sendo em Escolas diferenciadas ou Escolas regulares. Por entender que a luta por uma educação escolar que esteja amparada legal e culturalmente e que tenha como parâmetro os interesses dos povos indígenas pensando um modelo de escola cidadã, percebendo as relações inter étnicas vivenciadas nas Escolas que recebem alunos indígenas e não indígenas.

A Escola é um local de socialização do conhecimento e espaço onde as relações sociais são construídas, tem um papel específico para todos os que participam dela, para os grupos indígenas está é uma possibilidade de integração, de eliminação das desigualdades sociais, lugar que eles podem reforçar sua cultura, maneira de ser e viver em comunidade como igual. Para atender ao indígena, compactuando com valores de suas comunidades, é preciso escolas reinventadas, currículos e propostas educacionais que contribuam para posturas mais individuais, menos discriminatórias e excludentes para que os povos indígenas saiam de comunidades em busca de educação que apõe sua diversidade.

2. Diversidade Cultural e Estigma de ser Indígena

Este projeto tem como objeto de estudo a diversidade cultural e os estigmas construídos nas relações sociais envolvendo alunos indígenas em uma escola não indígena, na zona rodoviária de Manaus/AM. O interesse por essa pesquisa surge da inquietação em relação as expressões associando alguém ou algum comportamento com os índios, como se fosse algo negativo.

A escola enquanto espaço institucional abriga variadas diferenças culturais e sociais que permeiam a sociedade contemporânea. Diversidades culturais como: gênero, etnias, orientação sexual, religiosas fazem parte do cenário escolar pautado em uma cultura dominante, “construída fundamentalmente a partir da matriz político-social e epistemológica da modernidade que prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo, considerados como elementos constitutivo do universal (CANDAUI, 2011, p.24).

A escola que homogeneiza é resultado de um processo de construção dos estados nacionais latino-americanos que a educação escolar teve como função “difundir e consolidar uma cultura comum de base eurocêntrica, silenciando ou inviabilizando vozes, saberes, cores, crenças e sensibilidades” (CANDAUI, 2011).

No contexto escolar ainda são presentes representações colonizadoras perpetuadas no mundo moderno. Backes e Pavan (2011), destacam que no campo da educação, assim como os demais campos de saber/poder, a escola ao invés de questionar as representações hierárquicas e assimétricas entre as culturas, durante séculos esteve a serviço da cultura hegemônica. Com isso, contribuiu para reforçar as representações estereotipadas sobre os outros, representações construídas no contexto da colonização, em que o outro foi inventado como um inferior, para assim justificar o domínio, a aculturação ou até mesmo o extermínio (BHABHA, apud BACKES, PAVAN, 2011).

A Escola que universaliza as relações e não considera o dia-dia dos alunos, questões sociais, econômicas e culturais, contribui com a exclusão nas relações escolares. Castro (2015), destaca que historicamente o aluno foi visto como um desprovido de conhecimento. Essa concepção foi contestada por Paulo Freire (2005), ao denunciar o modelo de educação bancária. No processo de tornar-se aluno “o educando aprende a lidar com o conhecimento escolar, a compartilhar seu conhecimento com os outros e a trazer para a escola suas experiências” (p.23).

Ser aceito com suas vivências e experiências nas escolas é o grande desafio do aluno que vive situações de estigmas. São muitas as práticas que de forma sutil ou escancarada perpetuam as relações desiguais e preconceituosas no espaço escolar. Adultos, crianças, adolescentes e jovens sofrem e cometem práticas abusivas ao não aceitar o outro, o diferente e algumas vezes esses comportamentos são institucionalizados.

Abordar questões complexas como preconceito e estigma no espaço escolar, requer do pesquisador uma aproximação prolongada com os sujeitos da pesquisa, tanto com os que sofrem o estigma, como os que praticam naturalizando e banalizando essas práticas, sem perceber que é uma forma de violência.

O objetivo geral da pesquisa é estudar e compreender a diversidade cultural e a interação entre alunos indígenas e seus pares, assim como entre os alunos indígenas e os não indígenas, perceber e descrever como o estigma de ser indígena se manifesta nas inter-relações e interações no dia-a-dia da escola.

Objetivos Específicos, são: 1. Investigar como a diversidade cultural é percebida no contexto escolar e se o estigma de ser indígena se manifesta nas interações em sala de aula. 2. Identificar como a diversidade cultural é abordada no PPP da Escola e demais documentos da Secretária de Educação Municipal. 3. Estudar e descrever como as pesquisas atuais tratam a diversidade cultural e o estigma no contexto da construção das identidades culturais e sociais. 4. Compreender como os alunos indígenas se percebem como o outro a partir das interações escolares, assim como analisar modos como os alunos não indígenas percebem os anteriores.

A contribuição desta pesquisa será problematizar a carência de políticas públicas que promova o respeito a valorização e promoção da diversidade cultural no ambiente escolar, em um Estado que tem um número significativo de indígenas, como é o caso do Amazonas.

3. Metodologia

A etnografia em educação proposta pelo grupo de pesquisa (Grpesq/CNPQ,2004), do Núcleo de Etnografia em Educação (netEDU), nos mostra que é necessário ir além da prática de dar a voz aos sujeitos, em pesquisa etnográfica precisamos ouvi-los, “para então obter resultados de pesquisas que reflitam a percepção e a participação desses sujeitos” (MATTOS, 2011, p.17).

Na pesquisa etnográfica o cientista social tem a possibilidade de ter uma visão holística ou dialética da cultura que é evidenciada como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e as ações e interações humanas.

Nesta tese pretende-se enfatizar a observação participante, a interpretação hermenêutica e a abordagem social construtivista, assim como outros recursos, observando as técnicas mais atuais de acesso, análise e escrita da etnografia na educação.

A pesquisa com alunos indígenas em escola regular da rede pública da cidade de Manaus nos desafia a perceber esta escola a partir do olhar e da voz do aluno indígena e seus pares. A pesquisa terá como aporte teórico autores que abordam questões sobre a superação da injustiça social e da exclusão, cultura, identidade e fatores de estigmas.

4.Referências

BACKES, José Licínio e PAVAN, Ruth. **A desconstrução das Representações Coloniais sobre a Diferença Cultural e a Construção de Representações Interculturais**: Um desafio para a formação de educadores. Currículo sem Fronteira, v.11,n.12, pp.108-119,jul/dez. 2011. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/curriculo-sem-fronteiras>. Acesso em: 03 de dezembro de 2018.

CANAU, V.M.F. Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas.

CASTRO, Paula Almeida de. **Tornar-se aluno: Identidade: perspectivas etnográficas** . Campinas Grande: EDUEPB, 2015, Ebook.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

HALL, Stuart. **A questão multicultural**. IN: HALL, Stuart, S. Da diáspora: Editora UFMG, 2006.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil** - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MATTOS, CASTRO. **Etnografia e Educação: conceitos e usos** / Carmem Lúcia Guimarães de Mattos, Paula Almeida de Castro (Organizadoras) - Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimaraes de. **O conselho de Classe e a Construção do Fracasso Escolar**. Educação e Pesquisa, São Paulo, n.2,p.215-228, maio/ago,2005. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022005000200005&script=sci.ting. Acesso em: 30 de julho de 2018.

SANTOS, Glademir Sales dos. **Territórios pluriétnicos em construção: a proximidade, a poiesis e a práxis dos indígenas em Manaus**, 2016. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, 2016.

